



OURO PRETO SEGUNDO O RELATO DE NATURALISTAS VIAJANTES DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE HISTÓRICO - AMBIENTAL

Lamim - Guedes, V

Freitas, J. F.; Antonini, Y

Valdir Lamim - Guedes - Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós - Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais.
Júlia Firme Freitas - Universidade Federal de Ouro Preto, Graduação em Ciências Biológicas.
Yasmine Antonini - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente.

INTRODUÇÃO

A cidade de Ouro Preto, a antiga Vila Rica, estado de Minas Gerais, sofreu grandes impactos ambientais durante o ciclo do ouro. A ocupação da região começou com as primeiras descobertas de ouro na região, sendo que o povoamento da província se deu, em primeiro lugar, orientada pelas trilhas desbravadas pelos paulistas. Em poucos anos, Vila Rica tinha cerca de 20 mil habitantes e, algumas décadas depois, a cidade chegou a abrigar 80 mil pessoas (Goulart, 2009). Apesar da região ter sido rapidamente povoada, ela começou a ser melhor conhecida pela ciência apenas no início do século XIX, quando passou a ser comum a presença de viajantes naturalistas na província.

Os relatos dos viajantes sobre Ouro Preto possibilitam a construção de um cenário histórico da região, inclusive, para conhecer a história da degradação ambiental na região de Ouro Preto no século XIX (Lamim - Guedes, 2010). Muitos desses naturalistas tinham uma visão abrangente do homem e do ambiente, decorrente da pequena divisão em disciplinas da ciência naquela época. Nos relatos sempre há menções a costumes, características populacionais, aspectos geológicos e zoológicos e, muitas vezes, sobre a vegetação.

OBJETIVOS

Obter a partir dos relatos de viajantes naturalistas um cenário da situação ambiental da região de Ouro Preto

no século XIX.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram analisados os diários de viagem de Auguste de Saint - Hilaire (1779 - 1853), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868), Johann Baptist Ritter von Spix (1781 - 1826), Oscar Canstatt (1842 - 1912), Richard Francis Burton (1821 - 1890) e Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777 - 1855) que passaram pela região de Ouro Preto. Estes diários foram publicados quando estes viajantes voltaram para os seus países de origem na Europa, sendo que posteriormente, já no século XX várias foram publicadas em português, foi a partir destas obras que este estudo foi realizado. No decorrer da leituras das obras, eram registradas as menções ao ambiente natural (vegetação e fauna) e a degradação ambiental (mineração, desmatamento).

RESULTADOS

A caracterização do meio natural aparece nos relatos dos viajantes naturalistas distribuída no texto, junto com a caracterização biótica, abiótica, aspectos culturais e infra - estrutura regional. Quando os viajantes começaram a frequentar a região das Minas, no início do século XIX, a antiga Vila Rica já estava em um processo de retração socioeconômica, causada pela queda na extração de ouro, geralmente sendo descrita como uma cidade triste ou feia, um pouco por causa

das condições climáticas (névoa, chuva, baixa temperatura), mas também pela presença de casas abandonadas. “Contam - se em Vila Rica cerca de duas mil casas. Essa vila floresceu enquanto os terrenos que a rodeiam forneciam ouro em abundância; à medida, porém, que o metal foi se tornando raro ou de extração mais difícil, os habitantes foram pouco a pouco tentar fortuna em outros lugares, e, em algumas ruas, as casas estão quase abandonadas” (Saint - Hilaire, 1975).

A degradação ambiental era intensa, sendo um fator que ressaltava uma visão negativa sobre Ouro Preto e dificultava a continuidade da extração mineral, com muitas áreas desflorestadas, utilização de queimadas e assoreamento dos rios, conseqüências da extração predatória do ouro com baixa tecnologia, como Eschwege (1979) observou: ”revolvendo - se freqüentemente as cabeceiras dos rios, estas se carregam cada vez mais de lama, a qual se foi depositando sobre a camada rica, alcançando de ano para ano maior espessura, tal como vinte, trinta e até mesmo cinqüenta palmos. Por este motivo, as dificuldades tornaram - se tão grandes, que não se pode mais atingir o cascalho virgem”.

A manutenção da situação ambiental na região estava muito relacionada ao fogo e pela permanência da vegetação degradada em estágios iniciais de sucessão ecológica. Dois relatos sobre estes fatos são: ”cobertos de vegetação de porte médio, à qual, para facilitar a travessia, pusemos fogo. O vento e a grande seca espalharam - no tão rapidamente, que em poucas horas toda a região estava em chamas e a atmosfera saturada de espessa fumaça” (Eschwege, 1979); e, ”todas as montanha (...) são cobertas de arbustos densos e de um verde sombrio, incessantemente cortados pelos negros para as necessidades dos moradores. Esses arbustos substituem as floresta virgens que os primeiros mineradores haviam queimado para descobrir a região e em alguns lugares para plantar o milho” (Saint - Hilaire, 1974). Em alguns relatos fica o lamento dos viajantes em relação à destruição das florestas: ”é aí [nas florestas] que a natureza mostra toda a sua magnificência, é aí que ela parece se desabrochar na variedade de suas obras; e, devo dizer com pesar, essas magníficas florestas foram muitas vezes destruídas sem necessidade” (Saint - Hilaire, 1974). Mesmo com está destruição, em vários locais a vegetação se mantinha, não sendo necessariamente de forma intocada. Viajando de Ouro Branco para Ouro Preto, Canstatt (2002), comenta sobre a vegetação de campo - rupestre, “(...) a região era selvaticamente romântica, e, se a flora não fosse tão inteiramente diferente, ter - se - ia a impressão de estar num pedacinho da Suíça”. Burton (2001), indo de Mariana à Ouro Preto comenta sobre a monotonia da paisagem: “a região tem aquela beleza monótona, primitiva e selvagem (...) a beleza selvagem, a magnificência da floresta virgem, a graça uniforme da segunda vegetação”. O pico do Itacolomi que serviu de ponto de referência

para os bandeirantes na época da descoberta de ouro na região, também foi registrado pelos viajantes: ”O Itacolomi, ensombrado na base pela negrura das matas e destacando - se de todos os vizinhos com o seu píncaro rochoso e nú, domina toda a região. Um maravilhoso altar de luz, desde a mais ofuscante claridade do sol até a negrura da mais tenebrosa sombra... A natureza parecia solenizar conosco, com a gravidade do silêncio, o estado de alma que nos empolgava, diante do magnífico panorama” (Spix e Martius, 1817).

CONCLUSÃO

A paisagem da região de Ouro Preto no século XIX é apresentada como uma mistura de destruição, por causa da atividade mineradora, da agricultura e extração de lenha e madeira, e áreas preservadas. Geralmente, Vila Rica é descrita como uma cidade triste por causa da degradação ambiental, do clima (úmido e nublado) e a existência de casas abandonadas. A degradação ambiental é posta como um fator que colocava em risco o desenvolvimento da colônia, sendo mencionadas tecnologias mais adequadas, sobretudo relacionadas a avanços tecnológicos. Em alguns relatos fica o lamento dos viajantes em relação à destruição das florestas. Apesar disto, a exaltação da natureza brasileira é uma temática recorrente nos relatos. As informações geradas pelos naturalistas lançaram as bases para o desenvolvimento da botânica e zoologia nacionais, além de serem um registro da degradação ambiental.

REFERÊNCIAS

- BURTON, R. 2001. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho [1869]. Brasília: Senado Federal.
- CANSTATT, O. 2002. Brasil: terra e gente, 1871. Brasília: Senado Federal. 448 p.
- ESCHWEGE, W. L. Von. 1979. Pluto Brasiliensis. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- GOULART, E. M. A. 2009. O Caminho dos Currais do Rio das Velhas: a Estrada Real do Sertão. Belo Horizonte: Coopmed. 213p.
- LAMIM - GUEDES, V. 2010. Uma análise histórico - ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas viajantes do século XIX. Filosofia e História da Biologia, 5(1): 97 - 114.
- SAINT - HILAIRE, A. 1975. Viagem pela Província do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. 70 p.
- SAINT - HILAIRE, A. 1974. Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- SPIX, J. B. e MARTIUS, K. F. P. 1975. Viagem pelo Brasil: 1817 - 1820. São Paulo: Melhoramento; Brasília: INL.